



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11104 - Resumo Expandido - Trabalho - XVI Reunião da Anped Centro-Oeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

MULTICULTURALISMO INTERCULTURAL CRÍTICO: UM OLHAR NO CONTEXTO DAS CULTURAS E IDENTIDADES JUVENIS DE ENSINO MÉDIO

Andréia Paro do Nascimento - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Marli Lúcia Tonatto Zibetti - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

MULTICULTURALISMO INTERCULTURAL CRÍTICO: UM OLHAR NO CONTEXTO DAS CULTURAS E IDENTIDADES JUVENIS DE ENSINO MÉDIO

Olhar para as culturas juvenis em seu processo escolar formativo, é saber que os jovens são constituídos por diferentes referenciais de culturas e identidades constituídas nas relações de classe sociais, de gênero, de etnia, de símbolos expressos em um mundo capitalista. Essas culturas e identidades precisam ser visibilizadas nas instituições educativas como “[...] condição para o entendimento dos sentidos do agir dos alunos”. (CARRANO, 2008, p. 185).

Assim, este estudo teórico tem como objetivo, evidenciar e dialogar sobre a importância das culturas e identidades juvenis de ensino médio no contexto escolar a partir do multiculturalismo intercultural crítico como caminho possível para repensar e discutir os currículos homogeneizadores presentes nas instituições escolares, que há muito tempo evidenciam uma cultura de poder, de políticas racializadas sem considerar as diferenças culturais e sociais dos alunos, o que tem se constituído como desafios nas práticas pedagógicas. A partir desta contextualização questionamos: Como a instituição escolar pode contribuir para inserir essa cultura juvenil em seu currículo e práticas pedagógicas?

O multiculturalismo intercultural crítico tem como finalidade discutir um “projeto-cultural que possa trabalhar as relações culturais, com políticas democráticas, pluralista, que articulem políticas de igualdade com políticas de identidade”. (CANDAUI, 2008, p. 22). Parte de uma interculturalidade propositiva que questiona a cultura hegemônica ocidental, luta pela

transformação social de poder, saber e ser, dando visibilidade ao outro. Para Walsh (2009, p.25): a interculturalidade crítica é como “[...] ferramenta pedagógica que questiona continuamente a racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, visibiliza maneiras diferentes de ser, viver, e saber”.

Então, compreender e analisar as culturas juvenis na contemporaneidade no espaço escolar em uma perspectiva multicultural crítica é entender que elas são híbridas, heterogêneas de práticas sociais imersas em uma sociedade capitalista, globalizada tecnologicamente que influenciam nos modos de ser e agir, na formação subjetiva dos jovens, seja ela individual ou coletiva. Nesse aspecto, na sociedade atual não somos mais reconhecidos com uma única identidade e sim por várias identidades. (HALL, 2006).

Desse modo, as instituições escolares ao conhecer o cotidiano desses jovens poderão contribuir no sentimento de pertencimento e de acolhida no ambiente escolar, procurando analisar como suas culturas estão representadas, colaborando na construção das identidades dos jovens. Podemos ver que suas identidades são expressadas por “[...] gestos, símbolos, formas lúdicas de sociabilidade, redes de relacionamento, canções e múltiplas formas de utilizar e representar o corpo aparentemente sem sentido para os ‘de fora’”, (CARRANO, 2008, p. 186-187 – Destaques no original), mas que assume grande importância para eles, pois constituem as vivências, representações e experiências do eu e do coletivo. Suas representações podem ser encontradas de forma individual em expressões marcadas no corpo e adornos, como tatuagem, piercings, bonés, cabelos coloridos, trançados, black power e rastafari, roupas largas, e outras expressões demarcadas no corpo.

Também em suas vivências cotidianas de forma coletiva como em grupos de músicas, de hip-hop, rock, rodas de samba, de grafite, góticos e outros, aos quais os jovens atribuem diversos significados. Conforme Dayrell (2007, p.1109):

Na trajetória de vida desses jovens, a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada como forma de comunicação e de um posicionamento diante de si mesmos e da sociedade. A música, a dança, o vídeo, o corpo e seu visual, dentre outras formas de expressão, têm sido os mediadores que articulam jovens que se agregam para *trocar ideias*, para ouvir um “som”, dançar, dentre outras diferentes formas de lazer.

Nesse sentido, é importante pensarmos e discutirmos essas representações constituídas nas culturas juvenis nos tempos e espaços não escolares, em que buscam demarcar a identidade juvenil para que possamos dar sentido de pertencimento ao processo formativo escolar. Esses jovens carregam para a escola os seus referenciais de sociabilidade e interações que se distanciam das referências institucionais, por isso a necessidade de dialogar com as diferentes culturas juvenis, vê-los como sujeitos sociais, em que suas expressões é uma forma de manifestar-se e de serem ouvidos (CARRANO, 2008). Assim, o trabalho educativo pode explorar as potencialidades desses jovens, “[...] não somente em sua função pedagógica, mas também como local de sociabilidade, de afetos e de desenvolvimento de seres humanos conscientes de si mesmos e de sua relação com os outros”. (SOUZA; REIS; SANTOS, 2015, p. 8).

Ainda, devemos considerar que muitas dessas sociabilidades no exterior da instituição escolar estão marcadas por conflitos, violências, vandalismos, preconceitos, decorrentes de uma ordem social injusta em que jovens pobres são desassistidos de políticas públicas (DAYRELL, 2007). Podemos verificar que são diversas situações presentes na vida desses jovens que muitas vezes são vistas como negativas pela escola, em função da predominância de uma visão de cultura homogênea. Mesmo assim, muitos desses jovens veem na escola um caminho que pode transformar suas vidas, por isso a importância das instituições escolares olharem para os jovens de forma integral, considerando a multiplicidade de suas vivências.

Um outro fator em relação às culturas juvenis é a desigualdade social. Atualmente no Brasil a maior parte dos jovens que estão nas escolas públicas é proveniente de classes populares, pobres, moradores de periferias, desprovidos de muitos direitos sociais, culturais, científicos e tecnológicos. Muitos estudam e trabalham ao mesmo tempo para ajudar a família, outros abandonam a escola por não conseguir conciliar estudos e trabalho. A situação de desigualdade social entre jovens, ficou ainda mais acentuada no momento pandêmico da COVID-19, o qual evidenciou a vulnerabilidade social das famílias pobres, trazendo mais consequências na vida dessa juventude das precárias condições econômicas e tecnológicas, como o acesso aos recursos necessários ao ensino remoto a as dificuldades de se organizar para estudar, seja em função de tempo ou de condições adequadas no ambiente doméstico. E, certamente, a necessidade de mais jovens adolescentes trabalharem para ajudar a renda familiar, momento este, em que milhões de trabalhadores perderam seus empregos: “[...] o contexto pandêmico vivenciado em nosso país ampliou as desigualdades sociais e favoreceu o abandono escolar, que se torna um dos maiores desafios educacionais, particularmente quando o olhar é direcionado para as juventudes brasileiras”. (ANDRADE, 2021. p.12).

Ainda sobre as desigualdades sociais juvenis, podemos ver em Carrano (2008, p.195 – destaques no original) que:

Nem todos os jovens vivem a sua juventude como uma situação de trânsito e preparação para as responsabilidades da vida adulta. Os educadores precisam, então, estar atentos à pluralidade de situações e *trajetórias labirínticas* que configuram um quadro múltiplo dos modos de viver a “transição da vida adulta”. Isso significa dizer, por exemplo, que, para jovens das classes populares, as responsabilidades da “vida adulta”, especialmente a pressão para a entrada no mercado de trabalho, chegam enquanto estes estão experimentando a juventude.

Assim, esta realidade vai intervindo na qualificação dos jovens. Realidade na qual a escolaridade é determinante de um bom emprego, de possibilidades de participação no mundo social e os que não conseguem ficam marginalizados socialmente, sem expectativas de um futuro melhor. Mas, ao mesmo tempo, o trabalho além de influenciar no seu percurso escolar, ainda é a forma de condição juvenil que eles têm “[...] garantindo o mínimo de recursos para o lazer, namoro e consumo” (DAYRELL, 2007, p.1109).

Também, o contexto juvenil é formado por diferentes identidades é um arco-íris colorido em busca de sua autonomia, em que suas escolhas ainda são determinadas pelos seus responsáveis ou instituições. Nesse contexto os/as jovens precisam ser ouvidos/as em suas

escolhas, selecionar as diferenças com as quais querem ser reconhecidos/as socialmente e isso “[...] faz com que a identidade seja muito mais uma escolha do que uma imposição” (CARRANO, 2008, p.200). De acordo com o autor as escolas podem ajudar nessas escolhas identitárias e construção de autonomia dos jovens, estando abertas ao diálogo, afirmando que “*escutar a si e ao outro se torna, portanto, a condição para o reconhecimento e a comunicação*”. Esta é para mim uma das mais importantes tarefas educativas, hoje: educar para que os sujeitos reconheçam a si mesmos e aos outros.” (CARRANO, 2008, p.200-202. Destaques no original).

Como podemos ver, o autor reforça a importância do diálogo com os jovens, sendo um o papel fundamental da escola para a construção do eu e do nós, ao respeito pelas diferenças identitárias, sociais e culturais juvenis, tomando como referência nas práticas pedagógicas a interculturalidade crítica, questionando um currículo que oculta essas identidades. Assim, “[...] torna-se necessário, então, levar em conta diferentes formas de oferecer aos jovens as possibilidades de compartilhar contextos que dialoguem com suas expectativas e interesses”. (MARTINS; CARRANO, 2011, p. 54).

Em vista disso, enquanto instituição escolar, em nossas ações precisamos conhecer e reconhecer nossos jovens que estão no ensino médio carregados de culturas, de histórias, sentimentos, que buscam sua autonomia, que têm esperança de uma educação que possa promover um contexto social mais democrático, de um futuro melhor. Para tanto, são necessários maiores estudos sobre o tema, para que se possa identificar as diferentes culturas juvenis em sala de aula, questionando um currículo homogeneizador.

Palavras-Chave: Escola. Juventude. Culturas. Identidades. Práticas Pedagógicas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra. Desigualdades e pandemia de COVID-19: contribuições para o debate sobre as particularidades socio-históricas, educacionais e das juventudes do Brasil. *Dialogia*, São Paulo, n. 39, p. 1-14, e20612, set./dez. 2021. Disponível em: < <https://periodicos.uninove.br/dialogia/index> >. Acesso em: 29 de jun. 2022.

CARRANO, Paulo. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: Moreira, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008. p.182 – 211.

DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/abstract/?lang=pt> >. Acesso em: 20 maio 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. *Educação (UFSM)*, v. 36, n. 1, p. 43-

56, 2011. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/2910/1664>>
Acesso em: 20 maio 2022.

SOUZA, Emanuelle de Oliveira; REIS, Rosemeire; SANTOS, Jean Mac Cole Tavares. Identidades juvenis e experiência escolar no Ensino Médio. **Holos**, v. 4, p. 3-17, 2015. Disponível em: < <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/3189>>. Acesso em: 20 maio 2022.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade, Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver**. In: CANDAU, Vera Maria. (org.). Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e proposta. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p.12 – 42.